

COMISSÃO DA VERDADE

**PRESIDENTE
DEPUTADO ADRIANO DIOGO – PT**

23/05/2013

COMISSÃO DA VERDADE**BK CONSULTORIA E SERVIÇOS LTDA.****23/05/2013**

O SR. PRESIDENTE - ADRIANO DIOGO - PT - Comissão da Verdade, do Estado de São Paulo, Rubens Paiva. Quadragésima quinta audiência pública. 23 de maio de 2013, auditório Teotônio Vilela. Está instalada a quadragésima quinta audiência pública, da Comissão da Verdade, do Estado de São Paulo, Rubens Paiva, no dia 23 de maio de 2013, às 10h30min, na Assembleia Legislativa de São Paulo, auditório Teotônio Vilela, para oitiva de depoimentos sobre o caso das crianças que foram atingidas pela ditadura no Brasil. Esclarecemos que a Comissão da Verdade pretende realizar todas as audiências abertas ao público. Hoje a nossa convidada é Ieda Seixas, irmã do Ivan Seixas, da família Seixas. Então, é com muito prazer que eu convido Ieda para sentar a mesa, para a tomada do seu depoimento.

Nós ainda estamos dentro daquele capítulo que a gente está falando das crianças, como as crianças foram atingidas e hoje você falará do seu irmão mais novo, não é?

A SRA. IEDA SEIXAS – Eu fui uma criança atingida diretamente, porque eu fui presa. Eu falarei... eu não sou a criança atingida, eu tinha 23 anos na época dos acontecimentos e eu fui presa, mas isso é outra história. Falarei em nome do meu irmão Irineu Axel Rude de Seixas, que tinha na época 10 anos, quando as coisas aconteceram.

Primeiro para falar do meu irmão, como aconteceu atingiu, acho que tenho que falar primeiro do meu pai e da minha mãe. Eu tenho que falar pelo seguinte, como isso afetou o Irineu, porque vocês me desculpem... Nós fomos uma família de quatro filhos e meu pai e minha mãe. Meu pai era uma pessoa extremamente afetiva, muito entusiasmada, principalmente com a causa política, e externava o afeto dele pelo toque, era um caso raro de um nortista, filho de nordestino que beijava os meus amigos homens, o que é raro, considerando inclusive a geração dele. A minha mãe já era uma pessoa que só conseguia externar o afeto dela, só beijava filho até o 5, 6 anos, depois disso ela não era pessoa de externar pelo toque, talvez pela formação dela, ela externava por gestos, fosse fazendo

aquela comida que você gostava, fosse torcendo por qualquer vitória que você tivesse, acalentando-te na hora do fracasso, e o Irineu foi atingido a partir de 1964, porque nós morávamos no Rio de Janeiro, o meu pai era da Petrobrás, ele pertencia ao sindicato, foi comunista, sempre entusiasmo e sempre fazendo pregação como os evangélicos fazem, meu pai sempre fez isso também.

Mas ele não perdia uma oportunidade, a vida dele era isso. Em 1964, o golpe do dia 1º de abril, e o meu pai teve que fugir, estava na refinaria Duque de Caixas, dentro de uma ambulância, porque era a maneira como os trabalhadores da Petrobrás acharam para retirar os colegas que foram punidos... era o seguinte, você chegava para trabalhar e estava escrito “expurgados por serem inimigos da pátria”, e tinha a relação das pessoas. O cara ia para o departamento pessoal, recebia o dinheiro, assinava os papeis e para sair da refinaria, via de regra, tinha que sair nos esquemas de ambulância, colocava ele na ambulância, porque senão era preso, porque todo expurgado seria preso de qualquer maneira. Bom, veio o golpe do dia 1º de abril, por volta de setembro o meu pai foi expurgado, eles tiveram que fugir para Porto Alegre, os tempos eram outros, dava para você fugir, até que os caras localizassem era mais difícil. E o Irineu... o meu pai tinha um carro, eles foram do Rio de Janeiro para Porto Alegre, o Irineu tinha quatro anos quando o golpe aconteceu, aliás, faria quatro anos, porque ele é de julho.

A partir disso para ele foi muito confuso, por que ele tinha que fugir, e ele pelo menos nas conversas que eu tenho com ele, a sensação de perigo, não sabia, era muito pequeno, era um menino, até a nossa prisão e a morte de meu pai, absolutamente bem humorado, espirituoso, alegre, era um menino que na rua onde morávamos o tempo inteiro era, o Irineu era assim... porque ele tinha “tia, vai na frente, porque eu preciso xingar esses caras”, ele dizia um monte de palavrão, se o cara tivesse feito alguma coisa, mas ele tinha o cuidado de mandar a tia que estava junto com ele, ou a mãe, para frente, porque achava que não devia falar palavrão na frente delas.

Em 1964, eles foram para o Rio Grande do Sul, e esse 1964, nos primeiros tempos, o meu pai fugiu e tentou montar um negócio em Porto Alegre, e para desgraça de tudo, essa época foi uma época que ainda em setembro chovia muito no Rio Grande do Sul, tinha enchente, então não tinha dinheiro, o dinheiro que tinha era da indenização. O Irineu não entendia muito bem o que estava acontecendo, porque o 1º de abril no Rio de Janeiro foi

uma coisa muito traumática para todo mundo, pelo menos ele tinha dezesseis anos, acho que o maior trauma dessa história toda não foi nem a minha prisão, foi o 1964, que parece que me tiraram o chão debaixo dos pés. E a gente foi para Porto Alegre depois, enfim. Voltamos para São Paulo, quando estava em São Paulo, eu tinha uma marca, algumas pessoas que estavam em casa e ele não sei porque disse assim “eu preciso, acho melhor eu ir para o Rio de Janeiro, para a casa da tia Anita, porque eu estou achando que a coisa está muito tensa aqui, e ele tinha nove anos, não tinha dez anos, e ele foi, acharam melhor levá-lo, porque ele mesmo se sentiu muito, tinha uma sensação de perigo e de medo, isso que ele fala sempre a questão do medo. Ele foi ao Rio Janeiro, e nós ficamos aqui em São Paulo. E nós fomos presos. Não preciso contar maiores detalhes. E a minha tia ao dar a notícia da morte do meu pai, fui absolutamente dantescamente estúpida a maneira como ela deu, porque ela chegou para e deu o seguinte um comprimido de calmante e disse assim “seu pai morreu, o seu pai foi assassinado e eu não sei onde está sua família.

Ele disse que aquilo foi horrível para ele, porque ele achava que era mentira, mas mostraram a televisão, mostraram o jornal, e ele não se conformava. Digo que foi estúpida a maneira, pelo seguinte, porque ela não tentou “quem sabe eles estejam bem”, porque ela disse “eu não sei a sua mãe, as suas irmãs, nem seu irmão, e o seu pai mataram”. Isso para alguém que tem dez anos.

O SR. PRESIDENTE - ADRIANO DIOGO - PT - Isso lá no Rio de Janeiro.

A SRA. IEDA SEIXAS – No mínimo, eu acho cruel, desculpe-me ela já morreu, mas é cruel. O caso é muito atípico, porque nós fomos presos no dia 16 de abril e a nossa incomunicabilidade na realidade isso foi quebrada, assim que a gente pode se alistar, quase dezembro. É porque tinha perseguição, acho que uma perseguição velada, eu costumo brincar que sou judia baixinha e nariguda, e pobre, eles gostam de me perseguir, deve ser isso com a minha família, porque não tem lógica, qual a importância eu não era militante, minha irmã não era militante, minha mãe também não. A gente ficou presa um ano e meio, por crime de pensamento, o meu pai já tinham matado, o meu irmão tinha dezesseis anos, ameaça era o tempo interior, em relação ao Ivan, que matariam o Ivan.

E o Irineu não pode se alistar com a gente, porque ainda fizeram aquele tipo de crueldade, nós estávamos no DOPS, e fomos da Oban, porque onde a gente passou vinte e tantos dias, fomos para o DOPS, chegando ao DOPS uma prima do meu pai conseguiu a incomunicabilidade. Depois de ida e vindas, ela foi muito... foi à Oban, ao DOPS, e diziam que a gente não estava. Um dia um policial subiu para falar com o delegado, e ela subiu atrás sem que ele percebesse. Quando chegou a sala do Edzel Manhotti, o tira perguntou... aquela mulher está de novo perguntando da família do Seixas. Ele disse “diz que não tem ninguém”, ele saiu detrás do tira e falou assim “poxa Dr., por que o Sr. está fazendo isso comigo?” elas estão lá embaixo, ele tinha um menino, aquela pessoa fica ali. Ele sempre teve esse também, o Ivan aos dezesseis anos já era assim, ele disse “não, ele não está”, o Valdemar Andreo que estava fazendo cartório disse “não, ele está lá embaixo”. O Valdemar apanhou, mas falou. Enfim, quebraram nossa encomenda... não deixou a gente se avistar. Quando ela conseguiu autorização, nos transferiram para o presídio Tiradentes, no dia 9 de julho. O Valdemar Andreo era um militante preso. Acho que ele era do MRT... ele disse “o menino está lá embaixo também”, quando o Valdemar desceu e falou com a gente, nem acreditou, achei que estava maluco, mas realmente essa prima do meu pai é que quebrou a incomunicabilidade, mas ó que quebrou assim, ela conseguiu mandar um bilhete para a gente e a minha mãe mandou um bilhete para ela, era só a minha mãe, nós não podíamos... não pudemos se avistar, quando ela voltou para nos visitar, naquela semana que eles disseram vem tal dia, só que eles nos transferiram dia 9 de julho, que é feriado, e era feriado também na época, para o presídio Tiradentes, eu lembro que as meninas que estavam com a gente na cela ficaram muito preocupadas, porque a transferência era em um feriado, mas a gente foi para o Tiradentes, e o Ivan permaneceu no DOPS. Quando chegou a Tiradentes, essa prima foi nos procurar lá, e ela não tinha autorização da auditoria que precisava, mas a Maria Antônia chefe da carceragem permitiu que a minha mãe se avistasse com essa prima, por meia hora, porque essa Maria Antônia, chefe da carceragem, não é funcionária pública, e que ficou condoída com a história de toda aquela família estar presa. Bom, a Edite disse a mãe “vou a auditoria agora”, não lembro que dia caiu, acho que uma terça feira que caiu 9 de julho, “eu vou a auditoria para visitar vocês no sábado”, só que na sexta nos levaram para o Sul. Eu não sei, posso estar paranoica, mas foi uma sessão de atitudes da repressão sempre evitar que a gente fosse mostrada, a gente ficou era sábado, a

visita na sexta de noite, nos levaram para o DOI-CODI, que foi no dia que o Merlino foi preso e começou a ser torturado, e morreu no outro dia, e a gente foi levada para o Sul, onde permanecemos cerca de 60 dias, não é Ivan? A nossa ida para o Sul é um mistério, acho que era... porque eles vão se encontrar para... eu a Iara, a minha mãe, o Ivan, o Dinis, uma mistura, eles fizeram caldeirão, o Dinis da ala, o Jobe, o Raul Carreon, o Jorge Abraão, nós éramos sete, e sabe quem era a nossa escolta? O Tibiriçá, o Umberto Ustra, aquele... o Fleury não estava, estava toda a equipe do Fleury.

O SR. PRESIDENTE - ADRIANO DIOGO - PT - Na escolta?

A SRA. IEDA SEIXAS – Na escolta. A escolta era a cúpula da Oban, que foi o Ustra, como chama o major?

O SR. PRESIDENTE - ADRIANO DIOGO - PT - Ivan senta aqui, fica conosco.

A SRA. IEDA SEIXAS – O Dalmo, o major Edgar.

O SR. PRESIDENTE - ADRIANO DIOGO - PT - Senta ao lado dela Ivan, só um minuto.

A SRA. IEDA SEIXAS – E toda a escola da gente era a escolta para levar o Lamarca talvez.

O SR. PRESIDENTE - ADRIANO DIOGO - PT - Entendi. Era a escolta, tudo isso?

A SRA. IEDA SEIXAS – A nossa escolta era a cúpula da Oban.

O SR. IVAN SEIXAS – Nós éramos em oito pessoas e tinham uns vinte deles, a cúpula deles estava lá. Ao que tudo indica estavam indo lá a pretexto de nos levar para

organizar a invasão do Uruguai, que o coronel Graef fala isso, que nessa época estavam planejando a invasão do Uruguai, não se sabe...

A SRA. IEDA SEIXAS – Era a cúpula da Oban e do DOPS, a exceção do Fleury, porque era... toda aquela camarilha, todos eles foram, não me pergunte o porquê. E nós chegamos ao Sul. Quem nos levou foi aquele delegado Otavinho, era toda a cúpula, inclusive o Ustra, o que é ridículo, todos eles eram ridículos, estavam com abate e amendoim na mão, eu fiquei olhando e minha mãe disse “vocês não entenderam o que significa isso?” e o Ustra ri ainda, “vocês não querem amendoim?”, “não, muito obrigado”, é porque eles iriam fazer uma grande farra com as putas, então estavam levando afrodisíacos, ridículo daquele homem, estou simbolizando ele, mas eram todos, porque com um abacate na mão, botava aqui no colo, e iam vários pacotes de amendoim, inclusive amendoim com casca, eu não estava entendendo “que lanche engraçado desses caras”, mas era isso. Bom, nós fomos ao Sul e permanecemos no Sul quase que sessenta dias, no DOPS do Sul.

Não, o Irineu...

O SR. IVAN SEIXAS – Não sabia nada da gente.

A SRA. IEDA SEIXAS – Notícia ele teve, cheguei lá, só não tive, mas nos ver, ele só foi ver... eu cheguei lá... nós fomos para o Sul, chegamos ao Sul, o próprio DOPS não sabia o por que nós estávamos lá, aquelas coisas. É uma coisa cheia de detalhes ridículos.

O SR. IVAN SEIXAS – A recepção foi feita pelo Pedro Selegner, que era o torturador mor.

A SRA. IEDA SEIXAS – Era o diretor do DOPS. E o DOPS de Porto Alegre na época era muito estranho, porque a gente ficou em um corredor fechado, com madeira, eram três celas, não tinha banheiro... ficou lá no fundo, mas a gente ficou ali, não tinha espaço para andar, aquela coisa toda.

Nós ficamos lá e ninguém perguntava nada para gente, pelo contrário, os caras é que perguntavam para gente assim “o que vocês estão fazendo aqui?”, “a gente veio aqui porque trouxeram”. Como era pouco espaço, aquela situação e a agonia da gente era querer voltar ao Tiradentes para que pudesse avistar com o Irineu, porque não tinha sentido aquilo. Uma noite, ao entardecer, a minha mãe teve uma crise nervosa, ela começou a grita que ela queria “quero o meu filho, quero o meu filho”, eles... o Pedro Selegner disse “traz o Ivan”, ela disse “mas não é esse filho, quero o outro filho”, ele perguntou “mas onde está?”, porque Pedro Selegner era uma figura estranha, porque ele ficava condoído com a situação da minha mãe, não me pergunte o porquê, porque maluco é maluco, psicopata é psicopata. Ele disse assim “mas onde está o seu filho que eu mando buscar?”, ela disse “está no Rio de Janeiro”, ele disse “mas lá eu não posso buscar”, “ele tem telefone?”, “tem”, ele levou a minha, eu me lembro que foi no dia que caiu, naqueles dias tinha caído o pessoal do POC, era muita gente, foi um ônibus, era o POC do Sul, estou falando de Porto Alegre, então tinha gente deitada no chão, inclusive não tinha cela, estava deitada em colchões no chão, o Pedro Selegner levou a minha mãe, e a minha dizendo que estava morrendo de vergonha, porque ele com a mão no ombro da minha mãe dizendo assim “vocês não são, vocês não são porcaria nenhuma, está sim é uma grande pessoa, porque essa mulher é uma mãe coragem, porque mataram o marido, e não fui eu que matei, não foi aqui, foi lá em São Paulo, a família toda está presa, e ela está procurando pelo filho pequeno”, a minha mãe ligou... ligaram para a casa onde estava o Irineu, na casa da minha tia e a minha mãe falou com o Irineu, disse “Irineu é a mãe que está falando”, ele disse assim “não é a mãe não, é mentira, eu não sei quem é você, não é a minha mãe”, a minha mãe disse assim “Zico”, que era o apelido dele, “Zico é a mãe”, ele começou a chorar e disse assim “onde você está mãe?”, ela disse “estou em Porto Alegre, no DOPS de Porto Alegre”, ele disse “eu não quero ver vocês assim, porque vocês estão todos quebrados”, porque alguém disse para ele que nós estávamos quebrados, tinham sido muito torturado e estavam todos quebrados, isso eu acho uma crueldade com uma criança de dez anos. Ele disse “eu só quero ver vocês, quando vocês estiverem soltas”, ele tinha uma ilusão. Nós permanecemos no DOPS, voltamos para o Sul, para São Paulo e eu sei que por volta de novembro, dezembro, a minha tia teve condições de nos visitar, acho que foi quando a auditoria autorizou, porque a gente dependia de autorização. A minha irmã Iara, que ele sempre foi muito ligado a ela,

ele disse “como é que o pai morreu” e ela achou de bom tom, ou achou que seria menos dolorido, disse “o pai morreu em um tiroteio”, ela não contou como o meu pai morreu, só contou que foi em um tiroteio, “os caras mataram, mas ele matou também dois”, porque para ele criança, ela achou para ele ter uma compensação, porque estava apartado da família, de tudo, ele não tinha mais casa, não tinha mais referência. O pai, que era o ídolo dele, tinha sido morto e a Iara achou melhor isso. Bom, ele se avistou. Nós saímos da prisão, nós ficamos presos quase um ano e meio, e ele veio morar com a gente, mas o que aconteceu foi que ele de certa forma abandonado, porque tinha o problema do Ivan, eu costumo dizer que nós não ficamos um ano e meio, a gente ficou quase seis que nem ele, porque tinha que correr atrás do Ivan, porque você estava vendo televisão e de repente aparecia “lista de desaparecidos, que a rede Globo dava, não sei o que Ivan Seixas”, pronto, nós tínhamos que andar quilômetros, porque não tinha dinheiro para pegar o telefone e ligar para Taubaté para saber onde o Ivan estava. Fora que o Ivan de vez em quando, veio de Taubaté e foi levado para o DEIC, e a Iara foi visitá-lo em Taubaté e disseram que estava no DEIC, lá vai a Iara visitar no DEIC, no domingo e os caras levaram a Iara lá para dar uma congesta nela, para interrogá-la e ela pensava assim “eu espero sair com vida, porque ninguém sabe onde estou”, podiam ter matado a Iara ali dentro do DEIC, porque os caras resolveram interrogá-la, não só essa polícia civil, como os PMs, e os PMs ela conseguiu dar um nó neles, porque ela disse, começou a mostrar “por que vocês lutam por isso? Você já percebeu que ganha mal, você mora mal, a sua mulher está toda desdentada, você não percebeu e você fica só guardando dinheiro dos ricos? É só isso”, mas os policiais civis não dava, porque não eram fáceis. E o Irineu ficou relegado a segundo plano, ele tinha casa, comida e roupa lavada, colégio, mas tudo girava em torno do Ivan.

Acho que isso é uma coisa que marca bem o sentimento do Irineu, a minha estava viajando, não tinha ninguém em casa e ele já não morava em casa, morava sozinho, ele foi lá em casa e disse assim “Ieda eu vim conversar contigo uma coisa. Tenho um problema que eu só consigo... da imagem do pai, se eu vir uma fotografia, eu não lembro da cara do meu pai, eu só lembro da nuca”, eu entendi porque só da nuca, porque quando eles fugiram para o Rio Grande do Sul, ele ia sentando atrás dele, e o Ivan, então a última lembrança que ele tinha do meu pai era a fuga em 1964, ele tinha bloqueado tudo, ele disse “eu não lembro da chácara das pedras”, que era o bairro que a gente morava em Porto Alegre, eu não

lembro de nada e eu acho um absurdo que eu tenha esquecido da imagem do pai, porque eu sei que ele morreu em tiroteio, ele já tinha vinte e poucos anos, não era mais criança. Eu disse “não Irineu, o pai não morreu em tiroteio”, ele disse “como assim?”, depois daquela vez que a Iara falou quando ele tinha dez anos, ele não teve oportunidade, porque tudo girava em torno do Ivan, era o ameaçado da hora, e quando eu disse para ele “não, o pai foi morto assim, tortura”, ele chorou e disse assim “nossa, agora eu me lembro da imagem dele, dele rindo”, o meu pai tinha uma característica de ser um cara que gostava de contar piada, fazer piada, dar risada, tudo para ele era... era uma pessoa extremamente otimista, e ele começou a lembrar como era a casa na chácara das pedras, começou a lembrar... ele tinha bloqueado completamente isso. Agora, em função da Comissão da Verdade, eu fui a casa dele para gente conversar de novo, porque a gente nunca esmiuçou muito isso, eu disse assim “Irineu”, ele não quis, ele disse “eu não vou, porque não tenho condições de falar, eu falo para ti, mas prefiro que você vai lá e fale por mim, porque eu não tenho condições”, o Irineu ficou depois dessa história uma pessoa extremamente travada, porque ele é um cara assim, está sempre tenso e de uma certa forma se afastou um pouco da gente, eu fui conversar com ele, ele disse “olha, o sentimento foi o seguinte, primeiro eu fiquei adulto aos dez anos, porque a partir dos dez anos eu passei a ter medo, eu passei ter a sensação de perda, de perigo, aquilo estava sempre presente na minha cabeça, porque mesmo quando vocês saíram, eu tinha medo que vocês fossem presas de novo”, o Ivan preso ele achava que seria morto, a coisa para ele era o seguinte, ele se sentiu solto no mundo e ele disse assim “mesmo quando a gente veio para São Paulo, o que sobrou da família reunida, era muito difícil, eu não podia contar para os meus amigos, colegas, quem eu era, o que era, porque eu tinha medo, medo por eles, medo por mim” e o mais engraçado é que ele disse assim, passou por duas ou três situações de arbitrariedade, por exemplo, estava na escola técnica em São Bernardo e um dos colegas dele estava com um coturno que o irmão tinha servido exército e deu para ele e eles estavam parados na frente da escola, passou um jipe do exército, deram uma surra no guri por causa das botas e o rapaz que foi agredido disse “mas vocês não tem o direito”, o Irineu disse assim, e o duro é que eles tinham o direito, porque tudo podia, “eu tinha medo de alertar as pessoas, olha não tenta reagir que é pior ainda”. Em uma outra vez, reviraram o carro de um colega, ele disse assim “e eu não podia dizer”. Então, a coisa dele era o seguinte, era uma sensação, perda, permanecia quem nem

uma espada na cabeça, e tinha medo, “eu só parei de ter medo, quando na eleição do Collor, porque até ali que houve a eleição para Presidente, parece que eu pude respirar”, considerando que a eleição de 1964, são vinte e cinco anos, salvo engano. A infância perdida é uma realidade, porque o Irineu perdeu a infância, aos dez anos passou a ser adulto, porque tinha que... o olhar para o mundo era um olhar de adulto, tinha noção exata, consciência exata de tudo que acontecia, não era uma coisa que ouviu falar, ele tinha a noção exata, a arbitrariedade, a falta de proteção que existia, pelo menos as pessoas que não tiveram presas que nem sabiam o que estava acontecendo no país, também tinham essa sensação de falta de proteção, porque tudo podia, você não podia andar na rua sem carteira de trabalho que você era preso, isso é uma realidade, aos costumes. Então, essa falta de proteção para uma criança de dez anos é uma coisa estúpida demais, e o Irineu o seguinte, mataram o pai e a família toda dele foi presa, e não ficou presa dois dias, ficou presa muito tempo, porque a mãe ficou um ano e meio.

O SR. PRESIDENTE - ADRIANO DIOGO - PT - Com quantos anos está o Irineu.

A SRA. IEDA SEIXAS – Ele é de 1960, fará 53 anos.

O SR. PRESIDENTE - ADRIANO DIOGO - PT - Mora em São Paulo?

A SRA. IEDA SEIXAS – Em São Paulo.

O SR. PRESIDENTE - ADRIANO DIOGO - PT - Quantos anos a sua mãe ficou presa?

A SRA. IEDA SEIXAS – A minha mãe ficou um ano e meio, como eu. Eu, a Iara e a minha mãe.

O SR. PRESIDENTE - ADRIANO DIOGO - PT - As três em um ano e meio.

A SRA. IEDA SEIXAS – Não, porque a família que é presa unida, permanece presa unida, rala presa unida.

O SR. PRESIDENTE - ADRIANO DIOGO - PT - E o Ivan ficou quanto tempo?

A SRA. IEDA SEIXAS – O Ivan ficou cinco anos e meio, quase seis anos. Só que eu digo que a gente também ficou presa, porque tudo girava em torno do Ivan.

O SR. IVAN SEIXAS – Era uma condição de reféns mútuos.

A SRA. IEDA SEIXAS – Nós éramos reféns.

O SR. IVAN SEIXAS – Se elas fizessem alguma coisa, eu seria morto, se eu fizesse alguma coisa dentro da cadeia, elas seriam mortas. Eram a ameaça que faziam.

A SRA. IEDA SEIXAS – Nós fizemos uma vez uma denúncia que a gente escreveu... é um documento, pena que não tenho mais, a gente chamava de “geral e particular”, escrito pela Marlene Socas, com a Iara, e nós distribuimos, panfletamos o mundo com esse documento, que era em relação ao caso do Ivan. E o que aconteceu? Até para o Tribunal de Haia, que não tem a ver com isso. A repressão baixou lá em casa, ficou na porta, subiu a escada, e nós reféns, porque o Irineu ficou sendo seguindo um ano e meio, quando a gente estava presa, e ele no Rio, isso dito por eles, não sou eu quem estou dizendo. E depois quando a gente veio a São Paulo, nós ficamos sendo seguidos, eu perdi o tempo, já sabia quem era a escolta, eu sabia quem eram os caras, os caras me seguiam, todo dia. A minha visitar o túmulo do meu pai em Perus, ia acompanhado por um... do DOI-CODI, não me interessa o nome dos demônios.

O SR. IVAN SEIXAS – E os caras falavam “aqui está o rock, filhinho será morto, vem aqui do lado”.

A SRA. IEDA SEIXAS – Então, por isso que eu digo que a gente foi refém, acho que a palavra exata é essa. E o Irineu com dez anos era refém também.

O SR. PRESIDENTE - ADRIANO DIOGO - PT - Como vocês voltaram do Rio Grande do Sul? Com a mesma escolta?

A SRA. IEDA SEIXAS – Não, agora que é o interessante, para você ver que nós fomos a desculpa para as cúpulas descerem para o sul, por isso que eu acho que pela época, lendo um livro acho que do Paulino, foi a época que se formou a operação Condor, e o DOPS do Rio Grande do Sul não sabia, por isso que eu acho que foi a formação da operação Condor, pelo seguinte: foi a cúpula do DOI-CODI e a cúpula do DOPS, daqui de São Paulo, eles foram ao Rio Grande do Sul, nós, com essa escolta, sete presos, e sete presos digamos o seguinte, o Ivan, o Diniz, o Jobe, que eram pessoas eram mais quentes, mas o resto, eu, a Iara e a minha mãe, a gente não era militante, que perigo nós oferecemos? Tanto que nós fomos sem algemas.

Para voltar, nós voltamos acho que em treze pessoas, porque viemos nós e um grupo do DOPS que tinham sido presas pelo POC no Sul. Tinham sido presas por serem da organização POC. E sabe qual era a escolta? O delegado Medeiros, do Rio Grande do Sul, o detetive galã e o corta tela Nira, acho que eram quatro policiais para nos trazerem para São Paulo. Quando a gente foi, em sete, era uns vinte, que eu me lembro que a gente foi naqueles aviões de paraquedistas, eu não sei o nome, são uma porção de cadeira encostada na janela, o corredor é livre, nós aqui, os sete patetas e os vinte canalha, porque era uma desproporção, o que o Ustra fazia escolta para mim? Não fui nada, não sou militante, a vontade eu tive de matar muita gente, ele inclusive, mas não tinha feito porra nenhuma, e para voltar viemos com três ou quatro tiras, e tinha uma pilha de gente... a família tinha, agora eu me pergunto o por que? Eu acho que pelo fato de a gente, eu e a Iara seremos universitárias, filha de pai e mãe comunistas, que não adiantava a minha mãe negar que ela era comunista, eu acho que eles acharam que era demais a gente não ter participado de nada, suponho. Eu concordo, eu digo que fizeram um golpe para mim, uma ditadura para mim, tudo foi para mim, é paranoia, é mania de perseguição, mas não é, e eu me pergunto o

porquê? Nós voltamos em dez presos, e eu me lembro de que era o delegado Medeiros, o tal de detetive galã, o Nira Ervelha.

O SR. IVAN SEIXAS – Mas que eram os bocas bravas lá do Sul, os assassinados de lá.

A SRA. IEDA SEIXAS – Mas eram três e por que para sete pessoas, sendo que três mulheres, depois o seguinte, a gente está em um avião, podia ser o Odine, o mágico, ninguém vai conseguir escapar de um avião, um avião que ainda voa baixo, se você tentar descer, você cai dentro d'água. E voltamos, era uma coisa de três ou quatro policiais do DOPS, não tinha militar, mas quando a gente foi, foi assim, foi toda a cúpula da Oban, quando eu olhei eu falei “o que está acontecendo? Porque o Tibiriçá está sentado na nossa frente, oferecendo amendoim”, os verdadeiros nomes desses diabos eu não sei, um era o tal de major Edgar, que era o único que andava fardado ali, como era o nome do tal major Edgar, aquele mestiço que andava fantasiado... André Pereira Filho. Ele andava com uniforme, era um mestiço branco com negro, ele se apresentava como coronel, major, sei lá, capitão André. Era só a cúpula, o delegado Tavinho, o Davi dos Santos não estava, mas era a cúpula da Oban, era uns dez caras da Oban e dez caras do DOPS, do DOPS eu me lembro do fininho, do metralha, todos aqueles... a quadrilha do Fleury, só não estava o delegado Fleury, o Dalmo, o Lúcio, assim, a cúpula da Oban, e para voltar nós voltamos... o único delegado que veio foi o tal delegado de Medeiros, que ficou sentado do lado da Iara, querendo catequizá-la, o tempo inteiro, a Iara dizia assim “eu não roubei banco, eu não fiz nada, porque vocês não me deram oportunidade, só por isso, porque eu ia fazer também”, ela falava isso, “mas você é uma moça, você tem que roubar as bonitas e não pode”, ela falou isso para ele, mas era um delegado e três investigadores que nós chamávamos de detetive, um dele era o Nilo Ervelha que é um dos que matou o sargento Manuel Raimundo e que ele era conhecido pelo caso dos pés cortados, porque ela pega preso comum e passava navalha na sola dos pés e mandava o cara entrar no rio e de lá ele atirava e matava, ele é conhecido como... era um homem, se é que posso chamar de homem, era um diabo, estranho, que o DOPS do Sul, na época que estivemos lá, que tinha tortura, mas só que tinha umas coisas bizarras. Em um sábado, o delegado Pedro Selegner

levou o filho dele, foi abrir a porta da cela que a gente estava, para mostrar o pimpolho, e chegou o Nilo Ervelho e fala assim “e ai guri”, o gurizinho se agarrou nas pernas da minha e começou a chorar, porque ele falou “ai guri”, o jeito que ele olhou para criança, era um moleque de três, quatro anos, ele se agarrou nas pernas da minha mãe e fazia assim, a minha mãe falou “pelo amor de Deus se afasta”, ele conseguia assustar criança só falando “e ai guri”. E foram esses três ou quatro que nos trouxeram para cá, e o Irineu só foi se avistar com a gente por volta de dezembro e durante o tempo que a gente esteve preso, por ele estar no Rio de Janeiro, ele não vinha com frequência, ele vinha a cada quinze dias, às vezes uma vez por mês, entendeu? Era muito difícil, e a insegurança, eu me lembro que quando a gente estava procurando casa para alugar, porque nós saímos da prisão sem dinheiro, para não dizer que tinha dinheiro, a minha recebia uma pensão de viúva de 450, não sei qual era a moeda, e nós alugamos um apartamento por 420, sobrava 30 banana, moeda, cruzeiro, sei lá, e eu me lembro que quando a gente estava procurando apartamento, a Iara falava com ele por telefone e dizia “não Irineu, eu vi uma casa, mas a casa tinha até merda na parede”, “não tem problema, eu limpo a merda para a gente ficar juntos”, então a infância perdida... o que fizeram comigo ou com a minha mãe, irmã ou com meu pai, ou com Ivan, foi muito duro, mas eu acho que a maior vítima foi Irineu, as crianças foram as maiores vítimas, porque ele foi uma vítima, porque até hoje ele é uma pessoa travada, até hoje ele tem esse problema de medo, insegurança, pessimismo que tudo dará errado, o princípio para o Irineu é que as coisas não darão certo. A minha mãe faleceu em 1993, aos 74 anos, a minha mãe foi muito resistente, porque teve hemorragia interna na prisão, não foi atendida, porque o DOPS não permitiu, ela teve um infarto, rompeu não sei o que, e ela tinha hemorragia interna...

O SR. IVAN SEIXAS – A resposta dos caras foi “deixa morrer”, não teve...

A SRA. IEDA SEIXAS – À noite ela começou a passar mal, dizendo “estou com uma dor no estomago”, a Guiomar que era uma quintanista de medicina, que estava presa, obviamente, ela disse assim “Fani, como é, como não?”, ela disse “é melhor chamar o médico”, chamaram os tais médicos, o médico chegou, eles tinham um problema, preso para médico que trabalha em carreira pública não interessa se é comum ou político, eles

têm por princípio que aquilo ali não vale nada, porque além de preso é pobre, me desculpem os médicos que trabalham no serviço público, mas a realidade é essa. E no nosso caso quando entravam na torre, eles tinham medo da gente, não sei o que aquelas mulheres podiam fazer, olhar para eles e matar com olhar? O que aconteceu, o médico disse que aplicaria uma injeção e nós perguntamos “qual injeção você aplicará?” e era natensol, que na cadeia chamava sossega leão, é um calmante muito potente, eu e a Iara dissemos “não vai aplicar injeção nenhuma, o que é isso? Ela está com dor no estomago e você vai aplicar um sossega leão, então vamos embora”, a carceragem do presídio ficou preocupada que a Dona Fani estava passando mal. Ligaram para o diretor, que na época era o Marconi, não lembro o primeiro nome dele, e o ele disse... aliás, ligaram para o DOPS, era para pedir a escolta, por a gente ser preso político para levar a minha para o hospital, mas disse “não, deixa morrer”, só que a carceragem ficou preocupada, porque se a presa política morresse dentro do presídio, eles tinham medo de represália aqui fora, então ligaram para o Marconi e ele disse “pega um guarda da muralha, uma viatura e manda uma carcereira”, e assim a minha mãe foi, a carcereira eu nunca esqueço que era a Jandira o nome dela. Ela foi dizendo “Dona Fani não morre pelo amor de Deus”, e a minha foi. A minha mãe foi levada para a Santa Casa, na Santa Casa disseram assim, quando viram que era presa, “é melhor você ir para hospital” e foi ao hospital São Paulo. Chegando ao hospital São Paulo, o médico disse “tem que fazer uma cirurgia para conter a hemorragia”. Levaram a minha mãe para o centro cirúrgico e o DOPS baixou lá, invadiu o centro cirúrgico, com arma longa, o diretor da clinica disse o seguinte “não dá para ninguém fazer cirurgia com arma longa”, deram soro para ela e leva de volta, longe daqui, porque se ela morrer, os companheiros podem querer justiça a gente, então a minha mãe voltou para o presídio. Só que isso começou a história às 20 horas, lembro que era a hora do jornal nacional, algo assim, e tem um episódio que eu sempre faço questão de contar, não é porque a Dilma é presidente, mas porque a Dilma foi muito importante nessa hora... a gente morava na dois e ela morava na um, a gente era vizinha de frente. O que acontece, as dez horas todas as celas fechavam, mas queriam fechar a nossa, eu e a Iara estávamos desesperadas, porque levaram a minha mãe e a minha mãe não voltava, deu dez horas e a minha mãe não voltou. A Dilma foi negociar com a carceragem o seguinte, para deixar a nossa cela e a cela dela aberta para a gente nos darem algum apoio, porque eu e a Iara só dizíamos assim “pó, já mataram o pai, e

agora a mãe vai morrer também, o que será da gente? É um negócio maluco isso” e a gente não sabia onde a minha mãe estava, porque a minha mãe foi levada ao hospital e a minha mãe só apareceu no outro dias às dez horas da manhã, porque ficou nessa vai para o hospital, volta de hospital, eu não posso deixar de dizer, porque razão seja a direção que foi o Marconi e carcereira e os PMs foram muito honestos e deram toda a assistência possível. No fim a minha mãe voltou, depois de ter passado por três ou quatro hospitais, eu sei que o último era o hospital São Paulo, que disseram “leva ela para morrer daqui, porque...”, ela era por cima e por baixo sangue, e a minha mãe voltou. Eu disse para o DOPS, porque quando os caras tiraram ela do centro cirúrgico, “vocês querem que eu morra, mas por desaforo eu não vou morrer, viverei muitos anos para denunciar vocês”, e realmente a minha mãe durou, ela tinha cinquenta e dois, cinquenta e três anos, ela morreu com setenta e quatro anos, mas todo esse tempo doente, vinte e oito de pressão, vinte e seis de pressão no DOI-CODI. E o pior que... os caras têm uma ficha, que achei no meio dos documentos, vinte e seis de pressão hipertensa, não sei o que, fazendo recomendações, porque a pressão da minha chegava normalmente a vinte e seis, não é pouco, ela disse que só via como se fosse umas luzinhas e a cabeça parecia que ia explodir, dentro do DOI-CODI, e ela nunca tomou remédio dentro do DOI-CODI, porque nunca deram, a pressão dela baixava, acho que porque ela achava que tinha que baixar, porque nunca deram remédio, acho que uma vez, quando uns generais estiveram lá, porque no DOI-CODI tiveram uns generais que retiraram a minha mãe de noite da cela e a gente “puta merda”, só que a gente começou a ouvir risada, estava eu, a Iara, a Tânia Maria Mendes na cela, e estava a tal de Zelda, uma loira, e a Beatriz, e a gente quando ouviu risada, a Iara falou “mataram a mãe e ainda estão rindo”, porque a gente não via, de repente eu ouvi a voz da minha mãe, só que a minha mãe estava contando um monte de... esses generais vieram para pedir a opinião da minha mãe sobre a política brasileira naquele momento, ela presa, e ela disse o que ela pensava, primeiro denunciou, falou que era um absurdo o exército brasileiro estar matando gente sob tortura... e eles fazendo boca de óstia, e a minha mãe acabou contando isso, e inventou um monte de mentira também, que o Lamarca estava na Bolívia, eles deslocaram tropa para fronteira, depois ela inventou que tinha uma infiltração da esquerda dentro do DOI-CODI, depois era um tal daqueles diabos chorando na frente dela para dizer quem era, ela disse “eu não sei, o meu marido falou”, e eles começaram a desconfiar, mas enfim, a pressão da

minha mãe chegava a vinte e seis, esse dia que ela foi falar com os generais a pressão subiu, mas ela disse que depois que começou a controlar a situação, porque a minha mãe era boa de conversa, ela sentiu que a pressão baixou, porque a minha mãe fazia coisa do tipo, os caras estavam interrogando ela, ela pegava um papel e fazia barquinhos, ia botando um monte de barquinhos e quando os caras batiam nos barquinhos, ela se assustava, porque ela nem prestava atenção no que eles estavam falando com ela, mas enfim, estou aqui para falar da infância perdida.

Eu acho que os infantes foram os mais prejudicados, porque o Irineu pelo fato de ele levar tanto tempo para lembrar da cara do pai dele, acho que isso é sintomático, e o Irineu hoje, até conversando com ele, ele disse “agora é o seguinte, apesar de tudo isso, se tu pensar bem Ieda, a gente venceu”, “por que?”, “porque o Lula foi eleito, a Dilma foi eleita, você acha que isso não é vencer?”, o preço foi muito alto, mas de qualquer maneira pode ser compensação, porque o meu irmão é petista roxo, ele é, realmente é. Então, ele disse assim “tudo isso, mas agora a gente livre, a gente pode votar em quem quiser”, eu acho que ficou o lado positivo das coisas, não sei.

Enfim, eu acho que era isso, que a infância foi perdida, foi, assim como a juventude foi perdida, a minha pelo menos eu joguei pelo ralo, mas infância perdida eu acho que doeu mais, a ponto de ele não lembrar da cara do pai dele.

E o irônico ou sei lá, muito bom, o Irineu é o retrato do meu pai. Não trouxe foto dele, é o retrato do meu pai, ele usa o bigode, a ponto dessa prima nossa que quebrou a nossa incomunicabilidade, Edite, fez uma cirurgia, ele foi visitá-la, ele disse “eu tenho que visitar a Edite”, porque a gente tem uma dívida de gratidão com a Edite que não tem... ela foi maravilhosa, a hora que ele entrou, até o jeito de andar do meu pai, hora que ele entrou no quarto, a Edite falou assim “nossa, o Joaquim veio me visitar”, porque ela é prima dele, mas foi criada com ele, então ela se intitulava irmã dele, porque ele é o retrato do meu pai, é a coisa mais impressionante, ele usa bigode, claro, é igual. Ele tinha muita ligação, ele disse “você conviveram com pai, eu não convivi com o pai”, porque ele com dez anos... meu pai saía daqui de São Paulo, mesmo clandestino para visitá-lo no Rio de Janeiro, isso nunca deixou de fazer, inclusive quando Boins foi justicado, o meu pai estava no Rio de Janeiro, eles disseram que foi meu pai, quem sou eu para contestar isso, como vou contestar isso? Eles disseram que foi, como disseram que foi o José Dan, coitado um camponês, que

não tinha nada com a história, que está vivo, você acha que se tivessem certeza que ele tinha matado o Bonis iriam deixá-lo vivo? Não. E o meu pai estava no Rio de Janeiro visitando o meu irmão, não estava... teve a audiência da vala de... é muito estranho, porque quando a gente saiu a prisão, que a gente foi a Perus, aqueles coveiros, enfim, era alguma coisa que gerenciava, e aquele cemitério, por irônico que parece foi projeto por uma ex presa política, a Ivone Arantes, ela é arquiteta, trabalhava no departamento de obras, ela projetou o cemitérios de Perus e o crematório, e ela disse “quando começaram a enterrar, claro que não estava inaugurado”, e os coveiros disseram “não, esse chegou assim, esse chegou assado”, todo o estado de cada um eles sabiam. Certo? Eu acho que era isso.

O SR. PRESIDENTE - ADRIANO DIOGO - PT - Obrigado. Você pode ficar mais um pouquinho?

A SRA. IEDA SEIXAS – Fumarei e ficarei mais um pouco.

O SR. PRESIDENTE - ADRIANO DIOGO - PT - Chegou a Celinha, eu só queria pedir um intervalo de cinco minutos, para eu me organizar. Está suspensa a sessão por cinco minutos.

* * *

- É suspensa a sessão por cinco minutos.

* * *

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT- Vamos retomar a sessão. É a 45º sessão, Celinha Coqueiro com a palavra.

A SRA. CELIA COQUEIRO – Boa tarde, o meu nome é Célia Silva Coqueiro, eu sou filha de Isaura Silva Coqueiro e Aderval Alves Coqueiro, o meu pai era militante, primeiro ele era do Partido Comunista, fez um trabalho de base com os metalúrgicos do

ABC, ele fez todo aquele trabalho, participou da Fundação do Sindicato dos Metalúrgicos e com o avanço do golpe ele acabou caindo na clandestinidade e participando das organizações armadas, então ele foi para a ala vermelha do PCdoB, o processo foi Partido Comunista, ala vermelha do PCdoB e depois mais um racha, mais uma divergência e ele acabou fundando, ajudando a fundar junto com o Devanir de Carvalho, o MRT, Movimento Revolucionário Tiradentes, que foi o último movimento que ele participou, ele foi preso em maio de 1969, eu não tinha ainda quatro anos completos, tinha três anos e meio, ele foi ao DOPS, foi preso pelo Fleury, torturado, ficou três meses incomunicável na tortura e depois passaram ele para o presídio Tiradentes, onde ele ficou mais uns sete meses, no total ele ficou um ano preso e ele só saiu trocado pelo Embaixador alemão, onde se fez o rapto do embaixador alemão em junho, de 1970, um ano depois da prisão dele e o nome dele foi um dos que foi solicitado de 40 nomes de companheiros, o dele foi um dos nome e eles saíram da Argélia, banido político, da Argélia o meu pai foi para Cuba para fazer treinamento de guerrilha, porque a ideia dele era retornar ao Brasil para continuar a luta com os companheiros. Depois do treinamento em Cuba ele retornou num esquema da Val Palmares, que foi comandado pelo James Aleluz e foi morto seis dias depois que ele acabou entrando no Brasil dia 30 de janeiro e ele foi morto dia 6 de fevereiro, ele foi fuzilado dia 6 de fevereiro. Na verdade, o aparelho que ele estava no Rio de Janeiro foi entregue por um dos companheiros que treinou com ele em Cuba e que retornou antes e que estava naquele momento trabalhando para a repressão, o nome desse companheiro era..., de 1971 o retorno dele, a entrada ao Brasil e a morte dia seis de fevereiro, seis dias depois, de 1971, Rio de Janeiro, no aparelho da Rua Cosme Velho.

Eu estou assim reduzindo bastante essa parte, porque eu acho que o foco é a infância perdida, então eu só estou tentando dar um breve relato o porquê, como foi que eu sofri essas consequências na época, eu era uma criança, era muito pequeno. Na verdade eu nasci em 1965, em julho, e o meu pai já era um militante, tanto do sindicalismo, tanto do sindicato como da ala vermelha do PCdoB, em 65 ele já estava na ala vermelha do PCdoB, ele já era do Partido Comunista desde 1963, então eu nasci um ano depois do golpe militar com o pai militante, muito ativo dentro das atividades políticas e portanto já muito visado pelas forças de direita pela polícia política. Então eu me lembro muito pouco porque eu era muito pequena, acho que a minha irmã, a minha irmã tem cinco anos de diferença comigo,

então eu acho que ela se lembra muito mais do que eu, mas eu vou dizer assim o que eu me recordo. O que eu acho, o psicológico da gente é uma coisa muito estranha, tem vezes que a gente apaga coisas que a gente não quer lembrar e lembra de coisas daquilo que a gente quer lembrar. Então é uma coisa, às vezes a gente apaga certas coisas. As pessoas me perguntam muito se eu me lembro do meu pai e o que eu posso dizer é assim, quando o meu pai foi preso, o que eu me recordo, eu me recordo de uma visita, de uma vez que eu fui ao presídio Tiradentes, não foi nem ao DOPS, porque eu me lembro que na época já liberaram a visita para a minha mãe, ele já estava no Tiradentes e eu me lembro da gente, porque eles eram proibidos de receber cigarro, essas coisas e o meu pai fumava muito. Então eu me lembro de uma cena muito clara e é muito estranho porque eu tinha três anos e meio, a minha mãe falou que realmente isso aconteceu. A gente muito próximo, já entrando quase no presídio e eu usava, a minha mãe me colocava aquelas calcinhas cheias de renda, que na época era muito, que ficava o bumbum cheio de renda assim e ela enfiando os maços de cigarro na minha calcinha para poder entrar com cigarro para o meu pai. Não entrava, nesse período não entrava, eles revistavam e tal e eu acho que depende do período, mas eu me lembro claro disso, não sei porque isso ficou gravado na minha memória, é uma coisa muito estranha, mas são aquelas coisas que a gente acaba lembrando e também da minha mãe é um fato, ela acabava levando, porque tinha ponto com os companheiros enquanto o meu pai estava preso, ela tinha pontos com o Devanir, que era um dos companheiros do meu pai do MRT e aí o Devanir ele passava, pedia para a minha mãe passar as informações para o meu pai e numa determinada época ele passou um bilhete assim todo enroladinho e eu me lembro que era costurou esse bilhete na barra da saia dela para poder entrar com essa informação para o meu pai porque nem ela podia ler. Então foi ao banheiro quando entrou lá dentro, tirou, costurou, ela acabou costurando na saia e ela acabava passando essas informações dessa forma, detalhes e flasches muito rápido que eu me lembro do período e que isso acaba ficando na memória da gente. Quando o meu pai saiu banido em junho de 1970, trocado pelo Embaixador alemão eu não me recordo dessa fase, eu realmente não me lembro, a minha mãe conta que nós não fomos ao aeroporto, a orientação era que a gente não fosse, essa era a orientação, mas que saia no jornal e tudo mais e aí o meu pai escrevia muito para gente, da Argélia, “Argélia”, eu tenho inclusive todas as cartas, eu anexeï junto com o processo de anistia dele, era uma das cartas inclusive

que ele manda para os companheiros dele no presídio Tiradentes, eu tenho essas cartas, guardo com muito cuidado, elas já estão todas amarelinhas, se desfazendo quase e eles sentiam muitas saudades das famílias, então as cartas eram muito mais íntimas. Assinava, ele estava banido...ele sabia...

A SRA. ... – Interceptava a correspondência.

A SRA. CÉLIA COQUEIRO - Interceptava, todas as cartas na verdade devem ter sido interceptadas, o meu pai devia saber disso porque ele não falava além do que ele tinha que falar e saudades da família, saudade da filha, no aniversário eu tenho um cartão que ele me mandou com um cachorrinho, gatinho, porque eu tinha um cachorrinho que ele me deu que se chamava brinquedo, que ele acabou matando atropelado o cachorro sem querer também. Mas isso ficou gravado na minha memória, infância perdida, mas eu preciso contar, mas enfim. Ele acabou me mandando esse cartãozinho e eu tenho esse cartão até hoje, eu tenho todas as coisas, na verdade, uma caneta que ele fez para gente, que eles faziam artesanatos na cadeia, eu tenho a caneta até hoje, então são coisas que a gente guarda com muito carinho, é um tesouro na verdade familiar e essas cartas que ele mandava ele sabia que estava sendo interceptada e ele manda realmente uma carta para os companheiros dele do presídio Tiradentes, para o Joel, para todos os companheiros, principalmente direcionados aos Carvalhos, que nós tínhamos uma relação muito especial e temos até hoje inclusive com a viúva, éramos como família, era da mesma organização política, mas também tinha um vínculo muito forte de amizade e ele acabou mandando essas cartas para a minha mãe, sabendo até que essas cartas iam ser interceptadas, então ele não falava, evidentemente que era assim, ele mandava de Cuba as cartas para Argélia e da Argélia um companheiro dele mandava com endereço da Argélia para a minha mãe, então a minha mãe achava que ele estava de fato na Argélia, a minha mãe nunca imaginou, nós nunca imaginamos que eles estivessem em Cuba treinando, ele ficou muito pouco tempo na Argélia, ele ficou um mês e pouco depois que ele foi para a Argélia, ele foi em julho, me falaram que já final de julho e agosto tem registro já dele em Cuba, visitando a Damaris, a

tia Tecina. Na verdade ele ficou muito pouco tempo na Argélia e foi para a Cuba treinar e ele ficou em treinamento, segundo os companheiros que treinaram com ele, uns três, quatro meses, foi um treinamento meio relâmpago e aí ele já começou, ele pediu para o James que ele encontrou em Cuba fazer um esquema de retorno dele ao Brasil.

Nós não sabíamos que ele estava em Cuba, nós recebíamos essas cartas do meu pai e a gente achava realmente de fato que ele estava na Argélia, até porque nas cartas ele dizia assim que ele estava preparando, como ele não poderia voltar, a nossa ida para Argélia, para a gente se encontrar, sinto muita saudade, já estou preparando, estou me estabilizando para poder trazê-los, uma vez que estou banido e tudo mais e ele sabia que a repressão lia essas cartas. Então um pouco mesmo que era de propósito o que ele escrevia e um dia minha mãe, quinze dias que ela não recebia a carta do meu pai, 15, 20 dias que era muito estranho que ela recebia quase semanalmente, nós temos muitas cartas dele, muitas, muitas, ele escrevia muito seguido e fazia uns 15, 20 dias que ele não dava notícias nem carta, nem cartão, mas a minha mãe achou que talvez fosse uma questão que ele tivesse ali por dentro, viajando no interior da Argélia e como a minha mãe fica sabendo da morte dele, a minha mãe, a vizinha pela no noticiário, vai até à casa da minha mãe e fala “Isaura, o seu marido é Aderval Alves Coqueiro”, a minha mãe falou “Acabaram de matar ele no Rio de Janeiro num tiroteio”, nós não sabíamos, até porque ele não iria falar, ele nem podia. O Vitor Papa Andreu, que foi a pessoa que entregou ele e sabia desse esquema, esse daí já contei a história da outra vez.

A SRA. ... – Ele não quis entrar em contato por uma questão de segurança.

A SRA. CÉLIA COQUEIRO – Inclusive o próprio companheiro da organização, que era o Devanir, que era o companheiro que deveria saber que ele estava voltando, que também estava clandestino aqui no Brasil não sabia que ele estava retornando, o Devanir ele fica enlouquecido quando ele pega o jornal, a Pedrina, a viúva do Devanir, a tia Dina, que o Devanir chegou no aparelho, ele levou um susto tanto quanto a minha mãe, o susto dele não foi menor que o da minha mãe e ele joga o jornal em cima da mesinha de centro e

começa a chorar, essa foi a reação que ele teve, desesperado, ele começa a chorar, ou seja, a minha mãe leva um susto tal que a primeira reação dela foi ligar para a Dra. Nina, advogada que nos dava um apoio à ala vermelha, MRT, a todo pessoa que ela conhecia, inclusive da época que o meu pai estava preso e a Dra. Nina falou “Isaura, você pegue as meninas, o seu sogro, não vá sozinha e vá ao Rio de Janeiro e peça o corpo dele, peça, você a esposa dele” e a minha mãe fez exatamente isso, eu me lembro que foi uma Kombi e eu não sabia que Kombi era, que nos levou até a rodoviária na época para a gente poder embarcar para o Rio de Janeiro e eu me lembro, a única coisa que eu me lembro desse dia é a minha mãe chorando, quando a vizinha foi avisá-la, ela abaixou a cabeça e eu deitei aqui para ver porque ela estava chorando. Eu não sabia que o meu pai estava morto, porque a minha mãe não falou, então nós entramos numa Kombi, tinha um companheiro, eu tinha quatro anos e meio, não sei como eu me lembro disso porque eu era muito pequena e minha mãe é uma pessoa muito forte, ela raramente chora, então eu acho que essa reação minha de deitar no colo dela e olhar para saber, eu queria ter certeza que ela estava chorando e eu só fiquei sabendo disso quando eu cheguei no Rio, uma viagem muito longa, nós fomos de ônibus, chegamos de madrugada. Logo cedo ela foi, nós fomos procurar pelo corpo do meu pai, eu me lembro que eles falaram, era carnaval, porque era semana de carnaval, foi dia seis, sete de fevereiro e aí eu me lembro que eles falaram que eles estavam, não me lembro, a minha mãe contou isso, eu me lembro da gente chegando no Rio de Janeiro e tendo que retornar, sem ver o meu pai. Nós chegamos no Rio, a minha mãe falou “olha o seu pai, mataram o pai de vocês, o seu pai voltou, fuzilaram ele e nós estamos aqui para poder enterrá-lo”, e aí eles falaram para a minha mãe e para o meu avó, pai do meu pai que não poderiam entregar o corpo, porque era carnaval, era feriado e eles estavam fichados. Primeiro a minha mãe, ela foi ao DOPS, porque a Dra. Nina pediu para ela ir diretamente lá e aí eles falaram “nós não sabemos, ele deve estar ali no IML em frente” e aí a minha mãe foi ao IML, eles falaram que estavam fechados, que não iria atender e nós retornamos para São Paulo e a minha mãe falou “ e quando vocês podem atender?” “Nós podemos atender quando passar o carnaval” e nós retornamos a São Paulo, esperamos passar o carnaval, três, quatro dias e retornamos no primeiro dia útil com o meu avó e eles falaram para a minha mãe que achavam melhor que o meu avó entrasse para reconhecer o corpo, porque a minha mãe estava muito mal e eles achavam que a minha mãe não deveria entrar porque o corpo

estava muito machucado, então falaram para ela, eles mesmos orientaram que a minha mãe não entrasse e o meu avó entrou, o meu avó falou “eu vou entrar” e acho que ele ficou com a impressão na cabeça dele até os últimos dias da morte dele, porque sempre que ele me via, sempre que eu ia visitá-lo, depois que eu cheguei de Cuba, eu voltei de Cuba com 14 anos e ele falava assim para mim, “minha filha, o seu pai quando puxaram a gaveta tinha sangue embaixo, estava coalhado o sangue”, porque passaram muitos dias e o corpo dele parecia uma renda, ele comparava o corpo do meu pai como uma renda, foram cinquenta homens para pegar o meu pai, foi uma operação tão gigantesca, tão absurda para pegar um homem e eles abriram fogo mesmo, mas um fogo, porque os vizinhos contam. Eu fui visitar o aparelho aonde o meu pai estava, fui agora o ano passado e as pessoas que procuraram, a Lizete que era a companheira que levava alimentação do aparelho do meu pai lá no Rio de Janeiro, ela conta que depois ela procurou os vizinhos e os vizinhos falavam assim que ele tentou fugir, ele pulou o muro, correu e quando ele estava subindo, escalando o muro, que era muito alto, eles fuzilaram, abriram fogo assim, sem tamanho. Então ele estava assim muito, muito, muito furado mesmo, então eu imagino que por isso o meu avó ficou com essa nítida impressão, acho que quando puxaram, com uma renda e ele ficou falando isso até os últimos dias da morte dele, ele morreu há cinco anos e toda vez que ia visitá-lo no aniversário dele ou no Natal ele sempre falava isso para mim e isso ficou, acho que ele se esquecia que ele tinha falado isso para mim, então ele repetia sempre isso que eu ia. Era o filho, o menor, eram duas meninas e um menino, e ele era o caçula e enfim nem nós, nem o meu avó, nem minha mãe, nunca mais fomos os mesmos, evidentemente depois desse fato.

Eu me lembro, eu vou dizer o que eu me lembro, porque as pessoas sempre me perguntam “o que você se lembra, o que você se lembra” , eu lembro do meu pai no caixão, porque depois o meu avó não deixou a minha mãe vê-lo evidentemente e aí quando a minha mãe viu trouxeram ele já no caixão e eu me lembro da minha mãe se debruçando em cima do caixão, se jogando em cima do caixão e passando a mão aqui nele, porque ele estava com um hematoma muito grande aqui. Eu não sei se depois eles não bateram nele ou se ele caiu, inclusive o meu avó disse que o corpo dele também estava muito machucado, tanto que a gente tinha dúvidas se eles não tinham levado ele vivo e torturado. Depois é que ficamos sabendo que não, realmente ele morreu na hora, mas ficamos com essa dúvida porque o meu avó dizia que ele estava muito machucado, o meu avó que viu o corpo dele

todo e depois que ficamos sabendo que deve ter sido a queda, deve ter sido na hora que ...porque eles faziam, estamos falando de gente doente. E eu me lembro dela se debruçando em cima do caixão e me lembro muito claramente da cor do caixão, o caixão era violeta, aquela cor violeta escura, tanto que eu fiquei, e eu tenho essa coisa assim com essa cor, eu não costumo. E aí nós enterramos, eu me lembro da caminhada dentro, ele foi enterrado no cemitério de Laranjeiras e eu me lembro da gente caminhando, o caixão na frente. Enfim, ele foi enterrado e eu não me lembro...Inhaumas, Laranjeiras é o bairro do Cosme Velho, certo, desculpa, em Inhaumas exatamente. E aí retornamos, não havia muito o que fazer, nós retornamos naquela situação terrível, porque além do que existia todo um monitoramento em cima da casa do meu avó, nós morávamos com o meu avó em Diadema, Cerraria e o meu avó foi levado, inclusive, porque eles achavam que a minha mãe sabia e o meu avó sabiam desse retorno do meu pai, sabiam e a minha mãe não sabia na verdade nada, o meu pai também não, nem o próprio Devanir, que era a pessoa que estava com ele dentro das ações, estava na organização com ele politicamente e daí começaram a tramitar, porque quando levaram o meu avó para interrogatório, os companheiros começaram a ficar com medo deles levarem a minha mãe também e a minha mãe estava em pedaços. Essa que é a verdade, ela estava em frangalhos, todos estávamos, mas ela estava, ela nunca se recuperou, a minha mãe nunca conseguiu recompor a vida dela amorosa, ela nunca mais se casou, nunca mais, ela ficou com um trauma tão violento que ela não consegue, ela guardou por muitos anos uma camisa do meu pai, a última camisa, ela guardou por muitos anos, ela deve até ter guardada ainda essa camisa, temos até os documentos do meu pai e aí os companheiros acharam melhor começar a fazer a articulação da nossa saída para fora do Brasil, que o viável seria Chile, que estava o Salvador Allende e a gente acabava indo para lá sempre, o pessoal que corria perigo aqui no Brasil, que era um governo democrático, muito aberto e tal e acabamos indo para o Chile. Nós saímos, o meu pai foi morto em fevereiro de setenta e um e nós saímos em novembro de setenta e um, porque a minha mãe tinha muita resistência a sair do Brasil, ela não queria. Na verdade a minha mãe queria ficar, ela queria ficar com o meu avó, mas os companheiros acharam que era melhor assim por uma questão de segurança e que fizeram muito bem afinal, porque depois ficamos sabendo que muitas viúvas acabaram sendo presas mesmo e até torturadas e tudo, porque achavam, embora não soubessem achavam que as esposas sabiam, que era uma coisa

natural, que a esposa soubesse. Tanto que a minha mãe contou a história, quando o meu pai foi preso, que ela ia ao DOPS pedir e eles falavam que não estava lá, que não estava na tortura, incomunicável, falavam que não estava lá. E eles perguntavam para a minha mãe “mas você sabia das ações do seu marido?” “Não sabia de nada”, aí eles chegaram a falar assim “eles não sabem de nada agora, mas na hora que ela cair aqui dentro ela fala tudo”. Então existia muito essa ameaça em cima das esposas dos militantes, até dos próprios filhos, a gente ficava muito vulnerável, porque você não sabia o que podia acontecer com você, existia um medo muito grande. Eu me lembro que eu consegui me sentir segura, totalmente segura, só quando eu cheguei em Cuba, nem no Chile eu me sentia tão segura, eu me sentia tão insegura, uma situação tão assim de ter que correr, porque a minha vida foi essa, eu nasci, logo depois o meu pai corria de aparelho para aparelho, porque ele estava clandestino e a polícia podia chegar a qualquer momento, toda vez que caía um companheiro preso, que sabia a localização do aparelho, a gente saía correndo, largava tudo, tinha que procurar outro espaço. Então aquela sensação de insegurança ela me acompanhou por muitos anos, inclusive no Chile, que era um lugar assim, que supostamente estava o Salvador Allende, a gente podia se sentir seguro, eu não me sentia tão segura, eu consegui me sentir absolutamente segura quando eu cheguei em Cuba, em mil novecentos e setenta e três, cinco meses antes do golpe do Pinochet, por sorte nós saímos cinco meses antes, porque os cubanos, inclusive, providenciaram essa nossa ida para lá.

Um companheiro da IN, olha eu devo dizer que o meu pai morreu muito cedo, ele morreu com 33 anos, mas eu tenho que dizer que ele foi muito afortunado, porque ele teve os melhores amigos e companheiros que um homem poderia ter. Nós fomos muito, muito amparados pelos companheiros, foi a minha família, eu digo eu cresci no exílio, cresci em Cuba e as minhas tias, a minha família da Revolução, dos companheiros que foram presos com o meu pai, que foram torturados e que lutaram pela mesma causa dele, uma causa justa, porque ele não era terrorista, ele só queria a justiça social, ele queria que todos pobres, todas as pessoas que não tinham condições, que eram exploradas, ele só queria acabar com a exploração, ele queria que todos pudessem ter uma vida digna, que diga-se de passagem naquela época, os operários não tinham a vida que hoje têm, porque hoje nós tivemos muitas conquistas. E a Ieda falou uma coisa que é verdade, eu perdi o meu pai, mas

eu acho que não foi em vão que ele lutou tanto, eu acho que todos os companheiros, o preço foi alto, mas hoje nós ganhamos, Ieda, guerra moral, nós perdemos a guerra bélica; nós perdemos a bélica mas ganhamos a guerra moral, porque estamos aqui denunciando ele assassinos, fascínoras, torturadores, que não respeitaram nem crianças, porque até as crianças dos companheiros eram presos. O Ernestinho que cresceu comigo em Cuba, a minha família, falamos a família da Revolução porque crescemos juntos, foi essa família que eu conheci, eu fui conhecer a minha família com catorze anos, depois da anistia, eu fiquei afastada da minha família, eu não tenho vínculo muito forte com a minha própria família de sangue, porque a ditadura me tirou isso. Claro que eu tenho o outro lado, a riqueza dos companheiros, como eu falei, o meu pai foi afortunadíssimo, porque ele teve companheiros que arriscaram as suas vidas para nos tirar dos aparelhos, quando o meu pai foi preso, como foi o caso do Roberto, do James Vale que nos tirou do aparelho, que o meu pai, foi o que nos resgatou praticamente quando o meu pai foi preso para a polícia não chegar lá e me pegar eu, a mãe. E temos os companheiros que articularam toda a nossa saída do Brasil, preocupados com a gente, tem os companheiros que nos receberam no Chile como Rafael de Falco Neto, seguro fantástico, que até aconselhou a minha mãe, a minha mãe queria voltar para o Brasil do Chile e ele falou “não, Isaura, vai para a Cuba, lá as meninas vão poder estudar, vocês vão ter tranquilidade, aconselhou a minha mãe”, a minha mãe estava totalmente desnorteada, um ano depois da morte do meu pai, um ano e meio depois da morte do meu pai no Chile, ainda estava muito desnorteada, ficou por muitos anos desnorteada. E esses companheiros, eu estou falando o nome de alguns, mas evidentemente que nós temos inúmeros e todos os de Cuba, inclusive os companheiros cubanos, que nos receberam com tanto amor e que nos deram tudo.

Em mil novecentos e setenta e nove eu retornei ao Brasil, só com anistia, claro, em agosto de setenta e nove, foi incrível, porque nós voltamos nos dia em que foi decretada a anistia, porque foi assim, o Edival Piveta, que foi à Cuba, justamente para poder formatar, estruturar o retorno nosso para o Brasil, porque nós não tínhamos nem passaporte, então tínhamos que retornar com o salvo conduto da ONU, então toda essa documentação tinha que ser, então o Edival Piveta foi um dos advogados que foi à Cuba, entre outros e que, no caso nosso foi o Edival Piveta e a minha mãe não queria esperar, a anistia estava para sair, o Edival Piveta sabia disso, falou para a minha mãe, mas a minha mãe não queria esperar,

a minha mãe falou “não, eu quero retornar”, já retornaram outros companheiros, faltavam, devia faltar cinco meses para a anistia e a minha mãe falou “não pode fazer o meu retorno” e aí o Edval começou a trabalhar nisso. Então na verdade quando nós saímos de Cuba, que fomos via Peru, via ONU, saímos e ficamos uma semana no Peru aguardando o salvo-conduto da ONU, e as passagens e tudo. E aí chegou a passagem, no dia que íamos embarcar, nós íamos embarcar pela Varig meia noite, nós fomos ao centro de Lima, que a minha mãe queria fazer umas compras e tal, e quando retornamos do centro, que era uma seis horas da tarde para poder a gente se arrumar para ir ao aeroporto foi decretada a anistia. Nós escutamos no rádio do táxi, no Brasil acabou de ser decretada a anistia ampla, ou seja, nós embarcamos meia noite, chegamos seis horas, cinco horas da manhã e nós fomos os primeiros a pisar o solo brasileiro e já com a anistia decretada e o meu pai foi o primeiro banido a retornar morto. Então assim foi uma coincidência, nós fomos sempre os primeiros, então por bem ou por mal, aí retornamos, fomos reestruturar toda a nossa vida no Brasil, que não foi fácil, no meu caso conhecer a família de sangue, que eu não conhecia, porque saí muito pequena do Brasil, a família que eu conhecia era aquela família, como eu disse, dos companheiros do meu pai, dos companheiros que entraram nessa luta e fomos reestruturar a vida, que não foi fácil, porque como a Ieda diz, infância perdida e meia juventude perdida também, porque a gente leva sequelas e que não sou poucas, são muitas.

O SR. PRESIDENTE - ADRIANO DIOGO - PT - Você estudou lá em Cuba?

A SRA. CÉLIA COQUEIRO - Em Cuba, eu voltei com catorze anos, eu estava terminando o ginásio já, eu cheguei aqui no Brasil eu fui concluir o ginásio, no Colégio Equipe, concluí o ginásio lá, depois continuei fazendo colegial, fui prestar vestibular, fui aprender o português, eu falava o português com a minha mãe em casa, mas não sabia escrever, não tinha gramática, porque eu sabia escrever em espanhol, eu fui alfabetizada em espanhol, o meu primeiro ano de escola foi no Chile, quando eu cheguei no Chile eu tinha seis, sete anos, então o meu primeiro ano eu fui alfabetizada, as primeiras palavras que eu escrevi foi em espanhol. Então, a minha língua, a minha primeira língua pode-se dizer que

foi o espanhol, da escrita, então cheguei no Brasil e fui aprender a escrever o português, eu fui aprender geografia brasileira, eu fui aprender história brasileira, porque até então eu sabia a história de Cuba, geografia de Cuba, sabia os heróis cubanos, Antonio Macel, Roce Matias e eu não sabia quem era Tiradentes, então fui aprender. Então foi um aprendizado, com catorze anos eu comecei a aprender o que era o meu país, então foi nos tirado muita coisa sim. Por outro lado, eu acho que nós, crianças, que a ditadura nos tirou a infância, que nos tirou metade da juventude, que nos deixou com sequelas, e nos tirou nossos pais guerreiros, militantes, tios, nos deu uma bagagem de vida, que poucos têm, porque nós hoje, a gente tem maturidade, a gente amadureceu, essas crianças, nós acabamos amadurecendo a força, a ferro e fogo. Então com treze anos eu lia a revolução dos bichos, mil novecentos e oitenta e quatro e os meus professores ficavam, porque lá em Cuba existe uma grande, o povo cubano é muito culto, eles podem não ser ricos financeiramente, mas é um povo muito culto, porque se promove muito essa questão da leitura, do debate, então nós crescemos, eu cresci fazendo isso. Então, até isso na escola eu era muito mais madura que as minhas colegas, foi muito difícil eu entender a linguagem, por exemplo, porque enquanto eu falava de militância política, sei lá, elas falavam de outras coisas que para mim eram totalmente alheias, totalmente alheia ao meu conhecimento. Mas nos deixou essa bagagem. Isso é o que eu me lembro da minha infância, foi uma infância dolorida, foi uma perda grande, não só o meu pai como perdemos outro companheiro, nós crescemos escutando essas histórias. Por isso que eu falei para a Ieda da outra vez, “olha, é impressionante, a gente cresce, eu cresci escutando histórias de companheiros que foram torturados, de companheiros que foram mortos”, o meu pai inclusive, porque as marcas das torturas era evidente quando íamos visitá-lo na prisão”, mas a gente nunca se acostuma a escutar, sempre que você escuta um novo relato é muito doido, dói demais, é impressionante, dói demais, dói muito e é uma sequela que a gente leva, mas a gente também leva essa experiência, essa bagagem toda.

Eu postei a foto do meu pai uma vez, a foto que tiraram dele no Presídio Tiradentes, aquela foto clássica, até o Ivan mandou para gráfica que estava muito velhinha e tal, e aí eu postei, o Gregório, filho do Jonas, que cresceu com a gente também em Cuba, no exílio, perguntou para mim “o que você diria para esse jovem?” porque ele era jovem, ele tinha trinta anos quando foi preso, “o que diria para esse jovem, porque hoje você é mais velha

do que ele?" Aí eu falei para ele que eu faria exatamente igual a ele, nem um milímetro diferente, nada, acho que ele foi um grande guerreiro, eu o perdi, mas eu tenho certeza que até o momento do último suspiro dele ele não se arrependeu, porque ele estava lutando por aquilo que ele acreditava e não tem nada mais digno do que uma pessoa mesmo, e ele me deixou esse legado "lute toda a sua vida, toda a sua vida por aquilo que você acredita e por aquilo que você acha justo, mesmo que isso signifique a sua morte, mas nunca deixe de fazer isso". É você, é a entrega total de um ser humano para uma causa, isso não tem preço, é um orgulho total dele e dos companheiros dele e eu faria tudo igual a ele, acho que ele fez tudo certinho, tudo certinho.

Obrigada.

O SR. PRESIDENTE - ADRIANO DIOGO - PT - Vocês são em quantos irmãos?

A SRA. CÉLIA COQUEIRO - Duas, a minha irmã vem a semana que vem. A minha irmã mora em Brasília, acho que ela vem terça, ela vem dar o depoimento, ela é cinco anos mais velha do que eu, então eu acho que ela vai ter outras coisas mais para revelar aí, porque ela se lembra de mais coisas, ela vai complementar provavelmente, eu era muito pequenininha, era bem pequena.

O SR. PRESIDENTE - ADRIANO DIOGO - PT - Muito obrigado. A sessão está encerrada.

* * *

